

Circuito das Plantas Medicinais e Aromáticas de Belo Horizonte

Área Temática de Saúde

Resumo

Estudo realizado junto à população de Belo Horizonte, confirmou o seu intenso interesse pelas plantas medicinais. No entanto, entre as 15 plantas mais usadas pelos entrevistados (70% do total), apenas cinco espécies são nativas do Brasil. Belo Horizonte conta, por outro lado, com áreas preservadas da urbanização acelerada da cidade. Seis desses parques foram integradas ao “Circuito das plantas medicinais e aromáticas de Belo Horizonte”. Objetivos: proporcionar à população da área urbana espaço para interação de práticas tradicionais e informações técnicas sobre plantas medicinais, que contribuam na sua preservação e uso adequado. Todos os parques contam com exemplares de plantas nativas do Brasil em suas áreas de conservação, além de hortas onde espécies medicinais são cultivadas. Foram ofertadas várias atividades entre cursos, palestras, oficinas e encontros em cada um dos seis parques integrantes do projeto. As atividades contribuíram para a valorização das plantas medicinais na cidade. Centenas de pessoas participaram do projeto, quer seja pelas atividades oferecidas ou pela maciça divulgação dos trabalhos na mídia. A realização de atividade de extensão nas áreas de preservação ambiental da cidade tem sido importante para a interação entre a Universidade e a comunidade, visando a valorização das plantas medicinais.

Autores

Maria das Graças Lins Brandão - Grupo de Estudos e Pesquisas de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas

Cristiano Cota Bandeira - Grupo de Estudos e Pesquisas de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas

Luiz Alberto Souza Amorim - Grupo de Estudos e Pesquisas de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas

Ana Cimbleiris Alkmim - Grupo de Estudos e Pesquisas de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas

Luiz Bernardes - Grupo de Estudos e Pesquisas de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Palavras-chave: plantas medicinais; fitoterapia; parques

Introdução e objetivo

A flora brasileira é considerada uma das mais ricas fontes de substâncias com atividade farmacológica devido à sua vasta diversidade e às tradições a ela associadas. Dados históricos, ainda da época do descobrimento do Brasil, já relatavam o intenso interesse dos europeus pelas propriedades medicinais das plantas brasileiras, como por exemplo, o descrito pelo português Gabriel Soares de Souza em 1587.

“Embaíba é uma árvore comprida e delgada, que faz uma copa em cima de pouca rama; a folha é como de figueira, mas tão áspera que os índios cepilham com ellas os seus arcos e hastes de dardos, com a qual se põe a madeira melhor que com pelle de lixa... Tem o olho d’ esta árvore grandes virtudes para com ele curarem feridas, o qual depois de pisado se põe sobre feridas mortaes, e se curam com elle com muita brevidade, sem outros

ungüentos; e o entrecasco d' este olho tem ainda mais virtude, com o que também se curam feridas e chagas velhas, e taes curas se fazem com o olho d' esta árvore, e com o óleo de copaíba, que se não ocupam na Bahia cirurgiões, porque cada um o é em sua casa.”

“Cápeba é uma herva que nasce em boa terra perto da água, e faz árvore como couve espigada; mas tem a folha redonda muito grande com pé comprido, a qual é muito macia; ... Esta herva é de natureza frigidissima com cujas folhas passadas pelo ar do fogo, se desafoga toda a chaga e inchação que está esquentada, pondo-lhe estas folhas em cima, e se a fogagem é grande, secca-se esta folha, de maneira que fica áspera, e como está seca se lhe põe outras até que o fogo abrande.”

Muito provavelmente, *embaiba*, *copaiba* e *capeba* são, respectivamente, espécies de *Cecropia* (Família Moraceae), *Copaifera* (Caesalpineaceae) e *Pothomorphe* (Piperaceae), plantas utilizadas como medicinais ainda nos dias de hoje. No entanto, apesar do emprego tradicional por séculos, não existem quaisquer medicamentos registrados no Brasil preparados com essas plantas. Pelo contrário, a copaíba encontra-se patenteada no estrangeiro, onde é utilizada na composição de vários produtos. Outras espécies nativas do Brasil como *Maytenus ilicifolia* (espinheira-santa), *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra), *Echinodorus macrophyllus* (chapéu-de-couro), *Tabebuia* sp. (ipê-roxo) ou o *Ptycopetalum olacoides* (muirapuama) também foram patenteadas fora do país, onde são muito utilizadas. Já espécies como o barbatimão (*Stryphnodendron* sp.), candeia (*Eremanthus erytropappus*), fava d'anta (*Dimorphandra mollis*) e a catuaba vêm sendo alvos de exploração predatória, com o objetivo de suprir o crescente mercado externo (Brandão & Endringer, 2001). Esses exemplos ilustram o quanto as plantas medicinais nativas do Brasil vêm sendo pouco aproveitadas, pelos próprios brasileiros, ao longo do tempo.

Por outro lado, o interesse pelas plantas medicinais e a fitoterapia vem crescendo muito ao nos últimos anos, em todo o mundo. Com o objetivo de conhecer o perfil dos interessados nesse tema, bem como as plantas medicinais mais utilizadas pela população de Belo Horizonte, o Grupo de Estudos e Pesquisas de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas (GEPLAMT/ UFMG) realizou um estudo por meio da aplicação de questionários a 1072 pessoas. A pesquisa confirmou o intenso interesse da população da cidade pelo tema. A pesquisa revelou que a maior parte dos entrevistados desconhecia aspectos técnicos importantes, para a prática adequada da fitoterapia. Cento e cinquenta plantas diferentes foram apontadas como conhecidas e/ou usadas pelas pessoas consultadas na pesquisa. As espécies mais usadas foram ervas-cidreiras, hortelãs, funcho, erva-doce, transagem e camomila. Todas essas são plantas exóticas, ou seja, originárias de outros países, onde seus efeitos farmacológicos foram confirmados por meio de pesquisas em laboratório. Por isso, essas espécies são reconhecidas hoje como fitoterápicos, inclusive pela Organização Mundial da Saúde.

Entre as 15 plantas medicinais mais citadas pelos entrevistados (que representaram 70% do total), apenas cinco espécies eram nativas do Brasil: quebra-pedra (*Phyllanthus* sp.), guaco (*Mikania glomerata*), marcela (*Achyrocline satureoides*), carqueja (*Baccharis trimera*) e jaborandi (*Pilocarpus* sp.). Essa constatação revela que, apesar da imensa flora disponível, a população de Belo Horizonte pouco conhece as plantas medicinais nativas do Brasil. De fato, espécies medicinais nativas de uso consagrado na tradição popular foram ao longo do tempo esquecidas, quer seja pela destruição de seus *habitats*, pela coleta predatória, ou mesmo, pela falta de interesse das últimas gerações por suas propriedades medicinais.

Belo Horizonte, por outro lado, conta com áreas verdes ricas em remanescentes de vegetação nativa, que foram preservadas do processo urbanístico ocorrido para o crescimento da cidade. Esses espaços contam também com hortas de plantas medicinais, onde já são realizadas várias atividades relacionadas a esse tema. Nesse contexto foi criado o “Circuito das Plantas Medicinais e Aromáticas de Belo Horizonte” onde seis desses parques, mantidos

tanto pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) quanto pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), estão integrados em um projeto conjunto, visando valorizar as plantas medicinais. Por meio do *CIRCUITO* a população é orientada no uso adequado das plantas medicinais e da fitoterapia. O outro objetivo do *CIRCUITO* é valorizar as plantas medicinais nativas do Brasil, uma vez que esse processo pode contribuir tanto na sua conservação quanto das práticas tradicionais a elas associadas.

Objetivo: proporcionar à população de Belo Horizonte, uma das maiores áreas urbanas brasileiras, espaços de interação entre as práticas tradicionais e aspectos técnico-científicos sobre as plantas medicinais, que contribuam na sua preservação e uso adequado.

Metodologia

As atividades do Circuito das Plantas Medicinais e Aromáticas de Belo Horizonte vêm sendo desenvolvidos em seis áreas de preservação da cidade. Os parques integrantes do projeto e seus respectivos responsáveis são:

1) Parque Fazenda Lagoa do Nado (PBH): Kátia Virgínia Gomes

A área ocupada pelo Parque Fazenda Lagoa do Nado (PFLN) era, até o final da década de 60, uma parte da fazenda de propriedade da família de Américo Renné Gianetti, ex-prefeito de Belo Horizonte. Nessa época, a área era restrita ao uso da família. Com a ocupação dos bairros vizinhos a partir de 1960, a fazenda foi caindo no abandono, até que no início de 1970 as crianças da região começaram a utilizá-la como área para recreação e lazer. Em 1981 um decreto desapropriou o espaço destinando-o à construção de um conjunto habitacional de luxo. Com isto, iniciou-se uma mobilização da comunidade local, exigindo a construção do parque, que foi inaugurado em 1994. O PFLN tem 300.000 m² de área, ocupada na parte central por uma lagoa abastecida por duas nascentes. O PFLN possui bosques e trilhas, em uma mata formada por exemplares de ingá, arará, jabota, jacarandá e pau d'óleo, entre outras espécies nativas do Brasil. Um inventário realizado recentemente descreveu 127 espécies vegetais diferentes e, desse total, 95 (75%) são nativas do Brasil. O PFLN conta também com uma horta de plantas medicinais, revitalizada e mantida hoje pelo Grupo Millefolium. Tal trabalho teve início em 1999 e conta hoje com o apoio de 11 voluntários. O compromisso do grupo Millefolium tem sido difundir, informar e orientar sobre o uso das plantas medicinais, bem como estimular seu cultivo. O grupo se reúne todas as quartas-feiras para estudo e socialização de informações com a comunidade.

2) Museu de História Natural e Jardim Botânico (UFMG): GEPLAMT

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB) é um espaço da UFMG destinado à execução de projetos de extensão. O MHNJB ocupa um espaço de 600.000 m², sendo uma das maiores áreas verdes preservadas de Belo Horizonte. Nela pode-se encontrar exemplares significativos da fauna silvestre (mico estrela, macaco-prego, saracura, jacu) e a flora nativa brasileira é representada por exemplares de pau brasil, sapucaias, barriguda, entre outras espécies. O MHNJB conta com uma horta medicinal. Esse espaço é dividido em três partes: uma contendo espécies medicinais validadas, ou seja, cujas atividades farmacológicas foram confirmadas por meio de estudos científicos. Em um segundo espaço, são cultivadas plantas usadas como sucedâneas de outras originais, por exemplo falso jaboradi, vários tipos de boldos e arnicas. Em um terceiro espaço, são cultivadas, exclusivamente, plantas nativas do Brasil, usadas na medicina tradicional. Além da diversidade natural, a instituição conta com um acervo museológico, formado por coleções científicas, estando atualmente as de mineralogia e paleontologia abertas à população. O MHNJB recebe cerca de 60.000 visitantes por ano, a maioria estudantes das redes pública e particular de ensino.

3) Parque das Mangabeiras (PBH): Pércio Vidal e Mota

O Parque das Mangabeiras (PMG) é o maior de Belo Horizonte, com 2.350.000 m²

encravados na Serra do Curral. Toda a área degradada pela exploração do minério foi reaproveitada no projeto paisagístico e arquitetônico de Burle Marx. O Parque possui 30 nascentes de água e dois lagos cercados de farta vegetação nativa, com exemplares típicos do cerrado como aroeiras, jacarandás, paus-ferros e jequitibás. Um levantamento recente identificou a flora nativa do Parque das Mangabeiras e uma trilha de identificação das plantas do cerrado foi aberta. O “Programa Meninos no Parque” é desenvolvido desde 1993, funcionando com suas diversas oficinas e atividades dentro da área do Parque das Mangabeiras. Atende hoje cerca de 200 crianças e jovens de famílias de baixa renda, moradoras das vilas situadas no entorno do Parque, na região chamada “aglomerado da Serra”. As oficinas abrangem áreas da cultura, artes, esportes e educação ambiental. Desenvolvem-se oficinas de horticultura através de uma horta medicinal e outra de plantas condimentares e comestíveis, ambas com fins educacionais e nutricionais. A horta de plantas medicinais tem como objetivo gerar oportunidades de pesquisa, conhecimento, resgate, ampliação ou apropriação da cultura científica e popular dos fitomedicamentos, em benefício de toda a comunidade.

4) Parque Municipal Américo Renné Gianetti (PBH): Maria da Conceição Carvalho Baeta Neves

Conta-se que nas primeiras décadas de sua existência, Belo Horizonte localizava-se em um verdadeiro pomar, composto de abricós, mangueiras, tamarindeiras e jenipapos. Também eram encontradas árvores nativas do cerrado como o caju, araticum, mangaba, jatobá, gabioba e aracá. Além dessas, a nova capital ganhou arborização com o plantio de ficus, amendoeiras e cinamomos cujas mudas vieram do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O Parque Municipal Américo Renné Giannetti (PMU) foi inaugurado em 12 de dezembro de 1897, na antiga "Chácara do Sapo", onde residia o engenheiro Aarão Reis, responsável pelo planejamento da nova capital. Surgiu inspirado nos parques franceses da Belle Époque, com roseiras e coreto. Muitas árvores antigas localizadas no centro do arraial foram transplantadas para o parque. No entanto, já ao longo dos primeiros anos de vida, a área já sofreu vários desmembramentos que, depois de um século, reduziram sua área original aos 180.000m² atuais. O Parque conta atualmente com mais de 50 espécies de árvores e uma horta medicinal, onde é possível adquirir mudas para cultivo.

5) Parque Municipal Roberto Burle Marx (Parque das Águas) (PBH): Isabel Góes Cupertino e Jordano Acácio dos Santos

O Parque Burle Marx, também conhecido por Parque das Águas (PAGUA), é constituído por uma área de 178.500 m², e está inserido no complexo ecológico da Serra do "Rola Moça", divisa da Serra do Curral e pertence à bacia do Rio das Velhas. Em 1976, a área foi transformada em Parque Municipal do Barreiro, destinando-se a casa-sede ao Departamento de Parques e Jardins. Mais tarde, nessa área, passou a funcionar o alojamento para meninos de rua, quando recebeu a construção de galpões específicos e ficou conhecida como "Cidade do Menor". No governo do prefeito Patrus Ananias em 1994, voltou a receber a destinação de parque, recebendo o nome de Parque Roberto Burle Marx. A área do parque Municipal Roberto Burle Marx corresponde à antiga área destinada à casa de descanso do Prefeito de Belo Horizonte. Fazem parte do parque edificações destinadas à casa de descanso, uma capela, a vestiários, sauna e lavanderia. Havia um conjunto de piscinas de água natural. Atualmente há uma quadra poliesportiva e recantos com mesas e bancos. O Parque conta ainda com uma extensa área de convivência dotada de chafariz e fontes naturais para o usufruto da comunidade em geral. O parque conta com uma mata de vegetação típica de transição entre o cerrado e a Mata Atlântica, estando no momento passando por um processo de reflorestamento de toda a área degradada. O parque conta também com uma horta de plantas medicinais com mais de 100 espécies, que são cultivadas para o consumo da comunidade.

6) Estação Ecológica (UFMG): Celso D'Amato Baeta Neves

A Estação Ecológica da UFMG (EE) é uma unidade de conservação urbana localizada no campus universitário da Pampulha, região norte de Belo Horizonte. A EE compreende cerca de 1.140.000 m², com vegetação de transição entre os domínios fitogeográficos da Mata Atlântica e do cerrado. Existe uma enorme diversidade da flora, contando com espécies como mutamba, ipê, cedro, mogno, pau-brasil. A fauna também é diversificada e constituída de capivaras, cotias, micos, saíras e sanhaços. A área da EE compreende a antiga Fazenda Dalva há 50 anos atrás e posteriormente Lar dos Meninos Dom Orione. O local ainda guarda interessantes resquícios do passado, tais como uma Olaria e ruínas de instalações rurais. A Estação Ecológica é uma das poucas áreas de preservação do país que se encontra dentro de uma Universidade, o que favorece o desenvolvimento de atividades de pesquisa, ensino e extensão.

O projeto Circuito das plantas medicinais e aromáticas de Belo Horizonte foi oficialmente lançado durante o Fórum Social Brasileiro, em novembro de 2003. A partir dessa data, a oferta de atividades destinada ao público leigo e universitário foi implementada.

A cada último final de semana do mês é oferecido um curso de 12 horas, onde são repassados dados técnico-científicos sobre as plantas medicinais, que contribuam no seu uso adequado. Os cursos oferecem também uma caminhada monitorada nas trilhas ecológicas de cada parque, onde é possível reconhecer as plantas nativas preservadas nas áreas de conservação.

Além dos cursos, foram também oferecidas oficinas de fitocosmética para a população carente do entorno do Parque das Mangabeiras e Parque Burle Marx.

O parque Burle Marx foi também palco do “Encontro com as Raizeiras”, onde senhoras da comunidade, conhecedoras das tradições sobre o uso de plantas medicinais, foram convidadas para expor suas experiências. Em novembro de 2004 está previsto a realização do 2º Encontro Metropolitano de Plantas Medicinais e Fitoterapia, quando todos os integrantes do “Circuito apresentarão suas experiências ao longo do ano.

Resultados e discussão

Minas Gerais já foi um estado muito rico em plantas medicinais. As florestas cobriam 45% do seu território e os cerrados e a caatinga permaneceram inexplorados até o final do século XVII, uma vez que a colonização portuguesa se concentrava no litoral. O século XVIII foi marcado pela intensa atividade mineradora. No século XIX, ocorreu a transição da economia mineradora para a agrícola, com uma crescente expansão desta atividade para regiões até então preservadas pela presença indígena. O século XX foi marcado pela industrialização e urbanização do Estado. Nessa época houve uma rápida substituição da vegetação nativa, especialmente a Mata Atlântica, por pastagens, agricultura e a monocultura do eucalipto (Dean, 1996; Paula, 1997; Figueiredo, 2002). O progresso desordenado e a destruição das florestas, bem como exclusão das plantas medicinais e da fitoterapia da medicina convencional certamente contribuíram para que o conhecimento das propriedades farmacológicas das plantas fosse esquecido e permanecesse na marginalidade.

As atividades desenvolvidas pelo “Circuito das plantas medicinais e aromáticas de Belo Horizonte”, têm contribuído para a reversão desse quadro. Durante as atividades executadas ao longo do ano, foram discutidos diversos aspectos relacionados ao uso adequado das plantas medicinais, suas histórias e necessidade de preservação.

É importante enfatizar que o Circuito das plantas medicinais e aromáticas de Belo Horizonte conta com parceiros nas quatro regiões geográficas da cidade, a saber: na região Norte encontram-se o Parque Fazenda Lagoa do Nado e a Estação Ecológica e na região leste está localizado o Museu de História Natural e Jardim Botânico. A região centro-sul conta com o Parque Municipal Américo René Gianetti e o Parque das Mangabeiras enquanto o Parque

Burle Marx fica localizado na região oeste. Essa distribuição geográfica permite que o público morador do entorno de cada parque participe das atividades.

Além disto, o projeto Circuito das plantas medicinais e aromáticas de Belo Horizonte tem permitido que moradores de outras áreas da cidade conheçam as áreas de conservação de outras regiões, promovendo assim a divulgação das mesmas.

Todas as áreas de conservação envolvidas no projeto contam com exemplares de plantas nativas, muitas delas de uso muito antigo na medicina tradicional brasileira. A tabela 1 apresenta uma relação de vinte dessas espécies, incluindo seus nomes populares, nomes científicos e famílias botânicas, bem como os parques onde as mesmas estão localizadas. O uso medicinal da capeba, da copaíba e da embaúba, por exemplo, é conhecido desde a época do descobrimento do Brasil, conforme descrito Gabriel Soares de Souza (Souza, 1587).

Espécies como o barbatimão, a caroba e a pimenta de macaco se encontram em perigo de extinção devido à coleta predatória. Outras, como a copaíba e a espinheira-santa, encontram-se patenteadas no estrangeiro, onde são aproveitadas. A existência dessas espécies nos parques auxilia nos trabalhos de divulgação das plantas nativas do Brasil, suas histórias e a necessidade de seu aproveitamento adequado.

Cada um dos parques conta também com hortas de plantas medicinais, onde diferentes espécies, principalmente exóticas (nativas de outros continentes) são cultivadas. Alguns exemplos e espécies medicinais cultivadas nas hortas de todos os parques são a calêndula (*Calendula officinalis*), camomila (*Matricharia recutita*), ervas-cidreiras (*Melissa officinalis*, *Cymbopogon citratus* e *Lippia* sp.), confrei (*Symphytum officinalis*), hortelãs (*Mentha* sp.) e tanchagem (*Plantago majus* e *P. lanceolata*). Todas essas espécies contam com estudos que confirmaram suas ações farmacológicas, sendo, portanto, espécies recomendadas para uso como medicamentos fitoterápicos, inclusive pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde do Brasil.

As hortas medicinais dos parques contam também com exemplares de espécies sucedâneas, ou seja, plantas que receberam a denominação popular, em alusão a outra espécie muito conhecida e utilizada. O boldo-do-Chile (*Peumus boldus*), por exemplo, não existe no Brasil mas conta aqui com vários sucedâneos (espécies de *Plecthantrus* e *Vernonia*). Essas espécies são utilizadas amplamente pela população no tratamento de afecções do fígado. Outras plantas usadas como sucedâneas e que são cultivadas nas hortas dos parques são as arnicas (*Solidago chilensis*, sucedâneo de *Arnica montana*), o jaborandi (*Piper aduncum*, sucedâneo de espécies de *Pilocarpus*) e a espinheira-santa (*Sorocea bomplandi*, sucedâneo de *Maytenus ilicifolia*). Na maioria das vezes os sucedâneos não contam com estudos farmacológicos que comprovem suas ações. As atividades nas hortas permitem com que a comunidade conheça esses sucedâneos e aprenda a diferenciá-los das espécies originais. Por meio do “Circuito das plantas medicinais e aromáticas de Belo Horizonte” é possível, portanto, conhecer as espécies medicinais nativas e cultivadas *in loco*.

Conclusões

Os resultados do trabalho demonstram que as áreas de conservação da cidade são espaços importantes para a interação da comunidade com a Universidade, nos assuntos relacionados às plantas medicinais e a fitoterapia. Durante as atividades, as tradições associadas ao tema são tratadas de forma respeitosa, e os aspectos técnicos necessários, para a utilização adequada desse recurso terapêutico são devidamente incluídos. Tanto os estudantes quanto a comunidade são beneficiados pelo projeto, uma vez que o mesmo proporciona a interação entre os conhecimentos tradicional e o técnico-científico.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, M. G. L. & ENDRINGER, D. C. Plantas Medicinais *in* Expedição Santo

Antônio do mato dentro: um jornada em defesa das águas e da vida. Belo Horizonte: ed. Segrac, 2001, cap. 7

DEAN, W. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FIGUEIREDO, B. G. A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS, 2002. Traditional Medicine Strategy 2002-2005. Disponível na Internet via www.who.int.

PAULA, J.A.. Biodiversidade População e Economia. Uma região de Mata Atlântica. PADCT, UFMG. 1997.

SOUZA, G.S. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1926.

Anexo: Tabela

TABELA 1: Plantas nativas do Brasil e usadas na medicina tradicional existentes nas áreas de conservação dos parques integrantes do CIRCUITO DAS PLANTAS MEDICINAIS E AROMÁTICAS DE BELO HORIZONTE

NOME POPULAR	<u>NOME CIENTÍFICO</u>	FAMÍLIA	PARQUES INTEGRANTES CONTAM COM EXEMPLOS		
			PFLN	MHNJB	PM
ASSA-PEIXE	<i>Vernonia polyanthes</i>	Asteraceae			X
BARBATIMÃO	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Fabaceae	X		X
CAINCA	<i>Chiococca sp.</i>	Rubiaceae			
CANDEIA	<i>Eremanthus erytropappus</i>	Asteraceae			X
CAPEBA	<i>Pothomorphe peltata</i>	Piperaceae		X	
CAROBA	<i>Jacaranda caroba</i>	Bignoniaceae			X
CARQUEJA	<i>Baccharis trimera</i>	Asteraceae			
CIPÓ SUMA	<i>Anchietae salutaris</i>	Violaceae			
COPAÍBA	<i>Copaifera officinalis</i>	Fabaceae	X		
CONGONHA	<i>Rudgea viburnoides</i>	Rubiaceae	X		X
CUTIEIRA	<i>Joannesia princeps</i>	Euforbiaceae	X	X	
EMBAÚBA	<i>Cecropia pachystachya</i>	Cecropiaceae			X
ESPINHEIRA SANTA	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Celastraceae		X	
FRUTA DO LOBO	<i>Solanum lycocarpum</i>	Solanaceae			
GUACO	<i>Mikania glomerata</i>	Asteraceae			X
MARACUJÁ	<i>Passiflora alata</i>	Passifloraceae			
MARCELA	<i>Achyrocline satureoides</i>	Asteraceae			X
PAU TERRA	<i>Qualea grandiflora</i>	Vochysiaceae	X		
PIMENTA DE MACACO	<i>Xylopia aromatica</i>	Annonaceae			X
URUCUM	<i>Bixa olerana</i>	Bixaceae	X		

PFLN = Parque Fazenda Lagoa do Nado (PBH); MHNJB = Museu de História Natural e Jardim Botânico (UFMG); PMG = Parque das Mangabeiras (PBH); Parque Municipal Américo René Gianetti (PBH); PAGUA = Parque Burle Marx (Parque das Águas/ PBH); EE = Estação Ecológica (UFMG).